

A PROVIDENCIA DIVINA EM O CAVALO E SEU MENINO

Maurício Avoletta Junior (IC) e Cristiano Camilo Lopes (Orientador)

Apoio:

RESUMO

Por meio de uma análise da ideia de providência divina, segundo Santo Agostinho, Dorothy L. Sayers e C. S. Lewis. Buscamos identificar em um dos livros da série *As Crônicas de Nárnia*, *O Cavalo e seu Menino*, de Lewis, através das intervenções de Aslan na história, a doutrina da providência divina e suas implicações na história. Diante disso, buscaremos mostrar a importância da utilização da literatura fantástica, com fins pedagógicos, visando elucidar assuntos mais densos.

Palavras-chave: Providência Divina, C. S. Lewis, *As Crônicas de Nárnia*

ABSTRACT

Through a analysis of the idea of divine providence, according to Saint Augustine, Dorothy L. Sayers and C. S. Lewis. We seek to identify in one of the *Chronicles of Narnia's* books, *The Horse and His Boy*, from Lewis, through Aslan's interventions in the book's history, the doctrine of divine providence and its applications in story. On this, we will try to show the needed of fantastic literature with a pedagogical end, aiming to elucidate denser themes.

Keywords: Divine Providence, C. S. Lewis, *The Chronicles of Narnia*

INTRODUÇÃO

No presente artigo, buscaremos analisar, partindo do pensamento de C. S. Lewis, Dorothy L. Sayers e Santo Agostinho, a doutrina da providência divina na obra *O Cavalo e seu Menino* (2011).

Mais especificamente, analisaremos alguns dos acontecimentos providenciais nas narrativas sobre a personagem Shasta e buscar identificar alguma semelhança a respeito da doutrina já mencionada, com o fim de mostrar a relevância e importância da literatura para fins pedagógicos.

Foram escolhidos os autores referidos pelos seguintes motivos: Santo Agostinho, por ser influência explícita, tanto de Lewis quanto de Sayers, forneceu base filosófica e teológica mais firme para a presente pesquisa. Sayers, por ter sido amiga pessoal de Lewis e partilhar de muitas ideias com ele, foi útil para a pesquisa, pois estabelece uma ponte entre teologia e literatura, firme o bastante para os fins desta pesquisa. Por fim, Lewis, por ser o autor da obra aqui analisada e por ter falado sobre o assunto desta pesquisa, forneceu a possibilidade de falar sobre o assunto sem desrespeitar o texto utilizado.

Primeiramente, buscaremos expor a ideia de providência, que segundo nossas pesquisas mais se adéqua ao pensamento do autor. Diante disso, buscaremos preencher minimamente as lacunas que esse pensamento deixa, apenas nas questões que serão necessárias para o trabalho.

Por fim, analisaremos, a partir das ideias apresentadas, as atuações providenciais de Aslan nos acontecimentos da vida de Shasta. Mais especificamente, analisaremos as intervenções nas catacumbas e na perseguição dos dois leões, assim como o momento onde Aslan se apresenta a Shasta e revela suas intervenções.

DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Providência, milagres e livre-arbítrio

Providência, segundo acredita a Tradição Cristã, consiste na ideia de que o deus bíblico é um Deus ativo, e, por tanto, atua e intervém na história. Por está ter sido criada de forma contínua, ou seja, como afirma o Catecismo da Igreja Católica, *in statu viae*¹, se conclui que para que a história siga no rumo desejado, é preciso que o autor da mesma intervenha quando necessário. Para Millard. J. Erickson a providência é: "[...] a ação contínua de Deus pela qual ele preserva a existência da criação que ele fez surgir e dirige para os propósitos que designou para ela." (2012,

¹Em estado de caminhada.

p. 169). Ou seja, a providência é a forma de Deus conduzir a história para seu propósito inicial.

Por sua vez, o Catecismo da Igreja Católica afirma que:

Chamamos de divina providência as disposições pelas quais Deus conduz sua criação para esta perfeição: Deus conserva e governa com sua providência tudo o que criou; ela se estende "com vigor de um extremo ao outro e governa o universo com suavidade" (Sb 8,1). Pois "tudo está nu e descoberto aos seus olhos" (Hb 4,13), mesmo os atos dependentes da ação livre das criaturas.

Em sua obra *Milagres*, C. S. Lewis esboça a ideia de que não existe uma real diferença entre milagres e a providência divina. Para o autor, os dois necessariamente são a mesma coisa.

Lewis argumenta que:

Muitas pessoas religiosas, contudo, referem-se a determinados eventos como "providenciais" ou "providências especiais", sem indicar com isso que sejam milagrosos. Isso implica geralmente a crença de que, independentemente dos milagres, alguns eventos são providenciais num sentido em que outros não o são. (...) A não ser que abandonemos a concepção de Providência de uma vez por todas, e com ela a crença na oração eficaz, concluiremos que todos os eventos são igualmente providenciais. Se Deus dirige realmente o curso dos acontecimentos, Ele então governa o movimento de cada átomo e cada momento. Nem um pardal cai por terra sem sua permissão. A "naturalidade" dos eventos naturais não consiste, de alguma forma, em estar fora da providência de Deus, mas consiste em sua interligação mútua dentro de um espaço-tempo comum, de acordo com o padrão estabelecido das "leis". (LEWIS, 2016, 264-5)

O autor compreende que a necessidade de entender a providência e os milagres como a mesma coisa, se dá pelo fato de que, se realmente existir essa separação, logo, deverá haver uma distinção entre as duas. Se entendermos a providência como a atuação de Deus na história, com o fim de mantê-la no rumo desejado, entende-se, portanto, que os milagres devem necessariamente ser algo diferente. Porém, se entendemos que milagres, assim como a ideia de providência, são atuações de Deus na história para mantê-la no caminho preordenado, então devemos concluir que milagre e providência são nomes diferentes para uma mesma coisa.

O problema, aparentemente, se dá pelo fato da bíblia referir-se às atuações sobrenaturais de Cristo como milagres, o que dá a entender que milagres são ações que interferem na natureza de forma direta e clara, como curas, por exemplo.

Mais tarde, Santo Agostinho definiu a providência como a forma de Deus conduzir a história², dando a entender algo diferente dos milagres. Contudo, Lewis entende que a providência é necessariamente algo milagroso e que os milagres são necessariamente providenciais, ou seja, igualmente atuações diretas de Deus na história.

Em seu livro *A Mente do Criador*, Sayers (2015, p. 67) parece seguir a mesma linha de raciocínio, ao mostrar que a atuação de Deus no mundo, assim como a atuação do artista em sua criação, caracteriza-se em um milagre. Contudo, Sayers apresenta formas de identificar esses milagres.

Ao mostrar a necessidade da personagem em uma obra literária possuir certo livre-arbítrio, baseado na forma como o autor cria essa personagem, a autora mostra que existe a possibilidade da personagem trilhar caminhos não planejados pelo autor. Dessa forma, a interferência do autor no rumo que a personagem está seguindo, caracteriza-se como um milagre. A intervenção direta do autor no rumo de sua história é o que Sayers irá chamar de milagre, portanto, uma providência. Caso não existisse essa intervenção, o autor seria refém de seus personagens, o que caracterizaria a história, segundo a própria Sayers e outros autores, como uma história ruim.

Para que a ideia de milagre ou intervenção seja possível, é pressuposto que a criação que traz à existência a necessidade de um milagre, deva necessariamente possuir certa liberdade moral que permita que o ser em questão escolha um caminho contrário à vontade original do autor, fazendo assim com que o autor deva interferir na história para que ela volte para seu curso natural.

Novamente em seu livro *Milagres* (2016, p. 15), Lewis separa dois tipos de pessoas: os naturalistas e os sobrenaturalistas. Respectivamente, seriam as pessoas que não creem em algo além da natureza e pessoas que creem que a natureza não seja o fim de tudo. Para Lewis, crer no livre-arbítrio, para um naturalista, é algo impossível, pois esse crê - ao menos deveria -, que o ser humano é fruto de um meio, e por tanto, completamente determinado pelas circunstâncias. Crer em uma liberdade moral seria o mesmo que crer que o homem é definido como tal, não por processos naturais, mas por um ser metafísico que desejou criar um

²Para um maior aprofundamento da ideia de providência no pensamento de Santo Agostinho, consultar as obras *A Cidade de Deus*, *Confissões*, *O Livre-Arbítrio* e *Da Verdadeira Religião*.

homem livre. A estes, G. K. Chesterton (2008) chama de loucos: aqueles que levam a lógica até suas últimas consequências. Para Chesterton, a lógica não é uma lei digna de ser seguida, o que não implica a nós o direito de discordarmos dela. Pensando nisso, Chesterton argumenta a respeito dos paradoxos e das coincidências da vida, que para um louco, ou um naturalista, como chama Lewis, não deveriam existir. Se tudo apresenta uma lógica, e, portanto, está determinado, logo, a primeira pedra fora de lugar resultaria no desmoronamento dessa crença naturalista.

Chesterton diz que:

Quando me envolvi numa polêmica com Clarion sobre a questão do livre-arbítrio, aquele competente escritor, o sr. R. B. Suthers, disse que o livre-arbítrio era uma demência, porque implicava ações sem causa, e as ações de um lunático seriam sem causa. Não me debruço aqui sobre o desastroso lapso de lógica determinista. Obviamente, se alguma ação, mesmo a de um lunático, pode ser sem causa, o determinismo está acabado.

Se a cadeia de causalção pode ser quebrada em benefício de um lunático, ela pode ser quebrada em benefício de um homem comum. (CHESTERTON, 2008, p. 32-3)

Pensando dessa forma, tomando como base a tríplice criativa de Sayers³, podemos dizer que o livre-arbítrio não só existe como pode ser observado na *Imago Dei*. Ao falar a respeito do livre-arbítrio, a autora observa que até mesmo no fazer artístico do homem, é necessário que este forneça certo nível de livre-arbítrio para sua obra. Ao decidir pintar uma girafa, o pintor não pode criar um animal de pescoço e pernas curtas, rosa e sem pintas e chamá-lo de girafa, pois o mesmo descaracterizou completamente a ordem natural do que é ser uma girafa.

Ao criar uma história de ficção, o autor estabelece regras para sua Sub-criação⁴, criando seus personagens com características próprias, fazendo com que estes sigam a própria regra predeterminada pelo autor. Essas características são o que geram a sensação de livre arbítrio nas obras literárias. Porém, no decorrer da história, o autor pode se deparar com situações onde seus personagens desenvolvam mais opções para suas ações do que somente aquelas criadas pelo

³Para saber mais sobre a ideia de tríplice criativa de Dorothy L. Sayers, ler: *A Mente do Criador* e a pesquisa Tolkien e a Teodiceia de *O Silamrillion: uma proposta de J. R. R. Tolkien como teólogo*.

⁴Sub-criação é um termo cunhado por J. R. R. Tolkien, utilizado pela primeira vez no ensaio *On Fairy-Stories*, em 1974. Basicamente seria a ideia de *Imago Dei*, onde Deus, por ser criador, nós, por sermos imagem e semelhança, somos apenas Sub-criadores.

autor. Nessas ocasiões, o autor se vê obrigado - caso seja da vontade dele que a história siga o rumo inicial - a intervir em sua própria história, fazendo com que essa volte para o rumo desejado inicialmente.

Sayers afirma:

O que quer que possamos pensar sobre as possibilidades da intervenção direta nos acontecimentos do universo, é bastante evidente que o escritor tem a prerrogativa de intervir - e muitas vezes ele intervém mesmo - no desenvolvimento de sua própria história a qualquer momento. Ele é o mestre absoluto, capaz de realizar o milagre que quiser. [...] ele pode desviar tanto o personagem quanto o enredo de seu curso natural pela aplicação de um poder arbitrário. Ele pode aniquilar personagens inconvenientes, provocar conversões abruptas ou trazer à baila acidentes ou catástrofes naturais para resgatar os personagens das consequências da sua própria conduta. (SAYERS, 2015, p. 79.)

Um exemplo prático pode ser encontrado nos livros *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien. Nessas obras podemos observar a nítida importância da misericórdia por meio do personagem Gollum, tanto em *O Hobbit* como *O Senhor dos Anéis* e como o autor se manteve fiel à natureza de seu personagem.

A atitude de misericórdia de Bilbo Bolseiro ao poupar a vida de Gollum, em *O Hobbit*, mesmo sabendo que este poderia matá-lo, fez com que Gollum fosse um personagem de vital importância para o final de *O Retorno do Rei*, pois como o próprio Tolkien observa, já estava claro a muito tempo que Frodo não seria capaz de destruir o Um Anel:

Não acho que o fracasso de Frodo foi *moral*. No último momento a pressão do Anel alcançaria seu máximo - impossível, eu deveria ter dito, para qualquer um resistir, certamente após uma longa posse, por meses de tormento crescente e estando faminto e exausto. Frodo havia feito o que podia e havia se exaurido completamente (como um instrumento da Providência) e havia criado uma situação na qual o objetivo de sua demanda não poderia ser alcançado. Sua humildade (com a qual começou) e seu sofrimento foram devidamente recompensados com a maior honra; e seu exercício de paciência e compaixão para com Gollum valeram-lhe a Misericórdia: seu fracasso foi reparado. (TOLKIEN, 2006, p. 310)

A natureza ao qual Frodo foi criado, não permitiria que ele destruísse o anel. Por esse motivo, Gollum não foi morto por Bilbo, nem por Sam, Frodo e até mesmo o Senhor das Trevas, Sauron. Se Gollum tivesse morrido, a história teria um de dois finais: ou Tolkien precisaria agir de forma brusca em sua história, tirando toda a naturalidade dela, portanto, restringindo o livre-arbítrio de suas criaturas ou ele

precisaria encontrar rapidamente outra forma de intervir em sua história para que essa seguisse o rumo desejado.

Sayers entende que os personagens agem de acordo com a história, ou que utilizam plenamente o seu livre-arbítrio, quando agem segundo a natureza que o autor concedeu a eles. Sayers entende que: "a vontade, se ela agir de forma livre e de acordo com a sua natureza verdadeira, acabará fazendo a vontade eterna de seu criador, pela graça e não pelo julgamento, ainda que possivelmente por um processo bem diferente e mais demorado do que aquele que lhe poderia ter sido imposto pela força." (2015, p. 77). A autora comenta ainda, que em seu livro *Gaudy Night*, a heroína da história ganha de um personagem ao qual ela não tinha um bom relacionamento um tabuleiro de xadrez, que para a autora, não era nada de significativo, apenas um passo para o desenrolar da história, uma ferramenta narrativa sem importância maior. Contudo, após ler o livro, um dos leitores disse: "Desde o momento em que elas foram mencionadas, eu já sabia que aquelas peças de xadrez estavam condenadas à destruição." (2015, p. 78). Diante disso, Sayers percebeu que toda essa situação estava correta e de certa forma, como a própria afirma, predestinada.

A autora assevera:

De início, as peças de xadrez estavam ligadas ao desenvolvimento do personagem e a nada mais. Mas quando o enredo demandou a sua destruição, lá estavam elas, prontinhas. Ainda que eu me tivesse dado conta, naquele momento, de que esse incidente era um elo útil e satisfatório entre as duas partes da história, só quando o leitor chamou minha atenção para isso compreendi que o incidente acabou se tornando, e era, de fato, predestinado - isto é: o enredo e o personagem, que se mostravam cada qual fiel em relação à sua natureza, haviam se unido de forma inevitável para chegar a esse fim. (SAYERS, 2015, p. 78)

Por fim, Lewis, em seu livro *Cristianismo Puro e Simples*, ao falar a respeito da atemporalidade de Deus, entende o tempo como uma linha desenhada em uma folha, onde essa folha seria Deus (2014. p. 224), ou seja, o tempo está contido dentro de Deus e todas as coisas, ainda que de certa forma livres, agem livremente apenas dentro de suas permissões, assim também, devido a *Imago Dei*, acontece no processo criativo do homem.

Diante dessas afirmações, nos deparamos com o mesmo problema que Santo Agostinho: se o autor é criador de todas as coisas, seria ele também o criador do

mal em sua história? Agostinho, tendo como pressuposto a teologia e filosofia cristã entende que por ser o *Sumo Bem*, Deus não pode então, por consequência lógica, criar o mal. Para Agostinho, o mal é necessariamente um resultado do livre-arbítrio mal utilizado.

Se o homem, segundo a doutrina da *Imago Dei*, é criado a imagem e semelhança de Deus, como já observamos anteriormente, este tem aspectos semelhantes aos de Deus. Agostinho, portanto, ira entender que um desses aspectos é a bondade humana. No entanto, se o homem possui apenas reflexos de Deus e não a totalidade de Deus, isso leva a crer que o homem não é totalmente bom. Para o bispo de Hipona, o homem é apenas parcialmente bom, o que daria a possibilidade dele usar o seu livre-arbítrio para escolher continuar sendo bom ou tornar-se mal.

Pela lógica da teologia cristã clássica, Deus não pode criar o mal, pois como já afirmou Santo Agostinho, se o fizesse, não seria um mal (2013, p. 192). Entretanto, afirmar que Deus cria o mal, partindo do ponto de vista da teologia cristã clássica, é diferente de afirmar que Deus causou um mal. O mal em si, enquanto um não ser ou uma não existência, como afirma Santo Tomás de Aquino em *Sobre o Mal* (2005), não poder ser criado por Deus por dois motivos: o primeiro, como já vimos, é por Deus ser completamente bom, e, portanto, não existir nele mal; segundo, pois o mal não é algo ou um ente físico para ser criado: ele é apenas o resultado de uma ação de um ser moralmente livre. Dessa forma, nos resta o mal causado: por que Deus poderia causar um mal? Em seu livro *O Problema do Sofrimento* (2013), Lewis compreende que não há problema em Deus causar um mal, pois esta categoria de mal, no pensamento de Lewis, deve necessariamente ser minimamente ambígua, caso contrário, como o próprio afirma, esse problema não seria passível de resposta (LEWIS, 2013, p. 33).

Santo Agostinho em seu livro *Livre-Arbítrio* (1995, p. 25-6), divide o mal em praticado e sofrido, contudo, mantendo o devido respeito que o autor merece, para fins mais didáticos, dividiremos o mal diferente de Santo Agostinho. Falaremos sobre o mal moral e o mal catastrófico. Por mal moral, entendemos todo o tipo de mal proveniente das atitudes de seres moralmente livres: esse mal não foi nem criado e nem é causado por Deus.

O segundo tipo de mal, o mal catastrófico: é tudo aquilo que ocorre com o ser humano e não necessariamente é causado pelo ser humano, como catástrofes e doenças: este mal, embora não necessariamente seja criado por Deus, pois entendemos que estes são frutos da Queda, podem ser utilizados por Ele através da divina providência sem ferir de alguma forma sua santidade. Lewis compreende, tendo como base o que diz o autor da carta aos Hebreus, que afirma que apenas os filhos legítimos são corrigidos por seu pai, que a moral divina, não necessariamente é igual à nossa, embora também não seja completamente diferente:

Por um lado, se Deus é mais sábio que nós, Seu juízo deve interferir do nosso em muitas coisas e não menos no que diz respeito ao bem e ao mal. O que nos parece bom pode, portanto, não ser bom a Seus olhos, e o que nos parece mau pode não sê-lo. [...] Por outro lado, se o juízo moral de Deus difere do nosso, de modo que nosso “preto” pode ser o “branco” dEle, nenhum sentido há de chamá-IO bom, pois declarar: “Deus é bom”, enquanto se afirma que Sua bondade é inteiramente diferente da nossa, é na verdade dizer apenas que “Deus é sabemos lá o quê”. (LEWIS, 2013, p. 45)

Com o fim de ilustrar, Lewis utiliza a seguinte analogia:

A “bondade divina” difere da nossa, mas não é absolutamente diversa: ela difere da nossa, não como o branco do preto, mas como o círculo perfeito se distingue da primeira tentativa de uma criança em desenhar uma roda: quando a criança aprender a desenhar, ela saberá que o círculo que agora consegue fazer é justamente aquele que estava tentando reproduzir desde o começo. (LEWIS, 2013, p. 47)

Assim, compreendemos, a partir da lógica apresentada, que Deus pode causar certas situações que para nós caracterizam-se aparentemente como um mau, mas que não o é, se observarmos por outra ótica. Em seu livro *O Homem Eterno* (2014), Chesterton utiliza um exemplo, que, embora seja em outro contexto, pode facilmente ser utilizado para esta pesquisa para fins explicativos. O autor conta rapidamente a história de um garoto que, para descobrir se a fazenda onde mora é realmente tão grande quanto dizem, sai e vai observá-la a distância, para então concluir que ela não só era tão grande quanto diziam, como era mais bela do que imaginava (2014, p. 9).

Da mesma forma funciona a providência, que no momento em que ela ocorre, nem sempre a entenderemos como um bem, mas provavelmente, como um mal. Mas observando ela a distância e com uma maior maturidade, se entenderá – ou

não – o que de fato ocorreu. Como diz o Catecismo da Igreja Católica: “Cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Mas os caminhos de sua providência muitas vezes nos são desconhecidos.” (Catecismo, 314), podemos por fim, observar essa verdade teológica na conversão, de certa forma violenta de São Paulo ou até mesmo nos Evangelhos, na história de Cristo, a maior obra da providência divina.

Da Calormânia à Nárnia

Embora entendamos que a doutrina da providência possa ser observada em todo o livro de *O Cavalo e seu Menino*, aqui nos focaremos somente em alguns dos acontecimentos da vida do personagem Shasta apresentados no livro. Desejamos com isso incentivar, na medida do possível, as pesquisas na obra de Lewis, em específico no livro aqui utilizado, por ser o menos explorado da série de *As Crônicas de Nárnia*.

Como exemplo rápido do que falamos anteriormente sobre a doutrina da providência, é possível observar nas primeiras frases do livro que dizem o seguinte:

Conta-se aqui uma aventura que começou na Calormânia e foi acabar em Nárnia, na Idade do Ouro, quando Pedro era o Grande Rei de Nárnia e seu irmão também era rei, e rainhas suas irmãs. (LEWIS, 2011, p. 193)

Podemos observar que logo de início já nos é apresentado o final da história ao dizer que esta termina em Nárnia. Contudo, não sabemos exatamente como ela ocorre e nem a forma exata como termina, assim como no terceiro livro de *O Senhor dos Anéis*, *O Retorno do Rei*, que logo no título, já nos revela o desfecho da história, embora não diga como as coisas acontecem e nem mencione nenhum acontecimento paralelo⁵. Da mesma forma ocorre com a providência divina, que visa, não construir uma história, mas manter em rumo uma história previamente criada. Ao dizer o caminho da história, desde seu início até o seu final, Lewis reflete a tríplice criativa – *Ideia*, *Energia* e *Poder* - que Sayers elabora em *A Mente do Criador* (2015). Mais especificamente, reflete a *Ideia* atemporal que existe na cabeça do autor antes de a obra ser trazida a vida pela *Energia* criativa de escrevê-la. A

⁵Sabemos que o Retorno do Rei não é o acontecimento final do livro, mas a coroação de Aragorn é o acontecimento que tras o fim da principal ameaça da trama: a guerra do Anel ou o Um Anel em si. Resolvemos utilizar esse exemplo apenas para ilustrar o que estamos querendo mostrar e não adentrar nas questões levantadas no terceiro livro de *O Senhor dos Anéis*.

providência, portanto, agira nesse meio tempo entre o começo da história na Calormânia e o seu final em Nárnia, garantindo que ela caminhe até o final predeterminado pelo autor.

Essa estrutura de atuação divina na história é bastante clara no trecho que aqui será analisado. Shasta, após diversos acontecimentos que observaremos em breve, depara-se com um "algo" irreconhecível. Esse algo apresenta certas características daquilo que Rudolf Otto, em seu livro *The Idea of Holy* (1950), chamou de *Numinous* e que Lewis também fala um pouco em seu livro *O Problema do Sofrimento*, o que nos faz crer que esse diálogo entre Lewis e Otto não só é possível como verdadeiro⁶.

Por diversas vezes, antes de se apresentar como Aslan, o narrador e o próprio Shasta, referem-se a ele como *a coisa*, como um gigante ou até mesmo uma espécie de morto-vivo. O que nos leva a concluir que não só as características do *Numinous*, mas da ideia, também de Otto, do *The Wholly Other*, mais tarde também trabalhada pelo teólogo suíço, Karl Barth, do Deus que ao mesmo tempo em que é reconhecível, também é totalmente diferente, está presente na Sub-criação de Lewis. Vemos que Shasta apresenta um medo diante de algo que ele nem ao menos sabe o que é, o que torna esse medo ilógico, assim como o *Numinous*.

Quando ele descobre que essa *coisa* é Aslan, passa a ser algo totalmente a parte de sua existência e ainda assim completamente comum. Esses apontamentos nos mostram que Aslan é um algo diferente do que Shasta está acostumado como natural, assim como o *The Wholly Other*. Em determinado momento, Lewis mostra que a presença de Aslan era diferente o suficiente para alterar o ambiente a sua volta:

- Eu mesmo - respondeu a voz, com uma entonação tão profunda que a terra estremeceu. E de novo: - Eu mesmo - com um murmúrio tão suave que mal se podia perceber, e parecia, no entanto, que esse murmúrio agitava toda a folhagem à volta. (LEWIS, 2011, p. 262)

Tendo isso em mente, e todas as histórias anteriores e posteriores de *Nárnia*, principalmente *O Sobrinho do Mago*, onde vemos paralelos claros, não só com a cosmogonia e cosmovisão cristã como também com os atributos do Deus Cristão, ⁶Este paralelo também é observado em *Tolkien e a Teodiceia de O Silmarillion: uma proposta de J. R. R. Tolkien como teólogo*.

podemos entender que Aslan, assim como o Deus Cristão, pode e interfere em sua história para mantê-la no rumo desejado.

Como mostramos anteriormente, a providência não é clara para nós, enquanto seres humano, por ser um ato temporal⁷ de um ser atemporal. O que para Deus é um ato feito eternamente, para nós é um ato processual que só faz completo sentido quando observado a certa distância, como o garoto na ilustração de Chesterton em *O Homem Eterno*.

Podemos ver isso quando Shasta está contando suas "desgraças" para a coisa que até então ele não sabe o que ou quem é:

Contou então que jamais conhecera pai e mãe, que fora criado por um pescador muito severo. Contou sobre como fugira, sobre os leões que os perseguiram, os perigos em Tashbaan, a noite entre os túmulos, as feras que uivavam no deserto, o calor e a sede durante a caminhada, e o outro leão que surgiu quando estavam quase chegando, Aravis ferida... Contou, por fim, que estava com fome, pois não comia nada havia muito tempo. (LEWIS, 2011, p. 262)

É nítido que Shasta não entende nada do que está acontecendo. Os acontecimentos não apresentam uma lógica clara nem uma ordem de causação lógica que o faria dormir tranquilo, pois via que todos os acontecimentos de sua vida fazem completo sentido. Se tudo fizesse sentido para Shasta, ele não teria feito essa declaração apenas algumas linhas antes: "Ó, sou o sujeito mais desgraçado do mundo!" (2011, p. 261)⁸. Estamos claramente diante de uma criança, não só fisicamente, mas intelectualmente. Assim como o Apóstolo Paulo, no capítulo 13 da primeira carta aos Coríntios, Shasta ainda vê, pensa e fala como criança.

Essa cena muda, quando Aslan se revela a Shasta como o leão que o perseguia, o que causa certo desconforto e dúvida em Shasta:

- Eu sou o leão. Shasta escancarou a boca e não disse nada. A voz continuou:
- Fui eu o leão que o forçou a encontrar-se com Aravis. Fui eu o gato que o consolou na casa dos mortos. Fui eu o leão que espantou os chacais para que você dormisse. Fui eu o leão que assustou os

⁷Entendemos que nem toda obra da providência é temporal, pois compreendemos que o sacrifício de Jesus Cristo, como narrados nos Evangelhos Canônicos é um ato atemporal da providência divina. cf.: Gn 3:15; Is 53; Ap 13:8.

⁸Aqui podemos observar também uma referência a Isaías 6, onde o profeta, ao se deparar com o próprio Deus, se encontra de frente com o *Numinous* e declara: "Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios".

cavalos a fim de que chegasse a tempo de avisar o rei Luna. E fui eu o leão que empurrou para a praia a canoa em que você dormia, uma criança quase morta, para que um homem, acordado à meia-noite, o acolhesse. (LEWIS, 2011, p. 262)

Shasta começa o livro com sua natureza apresentada de uma forma bem clara: uma criança medrosa, infeliz e com um senso de aventura um tanto aguçado, de certa forma, bastante semelhante à Frodo e Bilbo Bolseiro de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Em cada uma das situações em que Aslan intervém, vemos que Shasta é amadurecido por elas, para que assim, consiga prosseguir no caminho traçado por Aslan.

Logo ao iniciar sua aventura, Bri e seu humano, Shasta, se veem sendo perseguidos por dois leões – que sabemos com o decorrer da história se tratar de apenas um leão, Aslan, mas que tem o pé ligeiro (LEWIS, 2011, p. 262). Se por algum acaso, esses leões não tivessem aparecido, ou seja, se Aslan não intervisse na história de Shasta e Bri, estes não teriam encontrado com Aravis e Huin, que serão de extrema importância para o caminhar da jornada de Bri e Shasta rumo as terras de Nárnia. Podemos ver que Shasta e Aravis, mais do que extremos, são complementares, pois Shasta, por ter, assim como Bilbo, passado grande parte de sua vida sem sair do lugar onde mora, tem a tendência de imaginar todos os por menores que podem vir a acontecer, sendo assim, ele é de grande auxílio para a segurança dos dois. Aravis, por outro lado, já havia fugido outras vezes e já esteve em outras aventuras menores, por isso, é de grande auxílio para que a jornada continue. Os dois, possivelmente, teriam a capacidade de chegarem no lugar desejado sozinhos, mas juntos, as duas crianças podem se ajudar e chegar mais rápido.

Vemos por tanto como ato da providência de Aslan, não só o encontro dos dois, mas suas personalidades complementares, que os possibilitam a se ajudarem rumo ao fim desejado: Nárnia.

Neste caso em específico, do ataque dos leões, a atuação da providência não ocorreu com o fim de corrigir alguma escolha errada de algum personagem, mas, como podemos perceber, ela fazia parte do roteiro inicial, como é possível observar com o decorrer da história.

Com isso, podemos observar duas formas de providência: aquela que intervém na história, graças a alguma atitude de determinado personagem e a que intervém, não por motivos secundários, mas por motivos primários. Não existe nenhuma situação aparente, para o leitor, que sugeriria que Shasta e Bri iriam traçar um caminho diferente, mas a intervenção de Aslan, além de começar a introduzi-lo na história, também traz um certo tom de mistério, bastante importante para o desenrolar da história. Pois, assim como Shasta que desconhece o desenrolar de sua própria história, e, portanto, os caminhos da providência, o leitor também desconhece até que chegue ao final da história e possa perceber todo o caminho traçado por Aslan desde o início, como já apontamos anteriormente.

No capítulo seis, Shasta passa noite nas tumbas, à espera de Aravis, Bri e Huin, onde podemos observar alguns pontos interessantes. Ao contar a história, o narrador ressalta o fato de haverem 12 tumbas, o mesmo número de discípulos, como é narrado nos evangelhos, dando a ideia de estar cercado de testemunhas de algo importante, ou de uma tradição, ainda desconhecida para ele.

Conforme a noite vai caindo entre as tumbas, Shasta, como qualquer criança sensata, Shasta começa a temer por sua segurança. Entre essa insegurança e o temor, Shasta se assusta com a chegada abrupta de um pequeno gato, que como conta o narrador, tinha um olhar que parecia “encerrar grandes segredos” (2011, p. 229). Esse gato, foi para Shastam a calma que precede uma tempestade. Contudo, após um leve sono, o gato some, deixando Shasta novamente sozinho e agora com novos barulhos desconhecidos:

Foi despertado por um ruído diferente de tudo o que já ouvira. “deve ter sido um pesadelo”, pensou. Percebeu que o gato infelizmente desaparecera. Continuou, entretanto, quieto, sem abrir os olhos, pois o medo seria ainda maior se avistasse e sentisse em torno a solidão. O ruído chegou de novo, áspero e penetrante, vindo do deserto. Desta vez, abriu os olhos e sentou-se (LEWIS, 2011, p. 230)

Estes novos barulhos, diferente do que Shasta pensa, não são novos leões, mas sim chacais. Nesse caso, Shasta tem um medo concreto, diferente do medo que sente na presença de Aslan. Não é mais o *Numinous*, diante dele, ele sabe o que está ali e sabe o que pode lhe acontecer. Quando estava prestes a fugir, Shasta percebe uma presença diferente, que o mesmo identifica como outro leão, que espanta os chacais com um simples rugido.

Aqui, podemos ver que a presença de Aslan neste trecho, é o que traz a segurança para Shasta de que sua história ira permanecer no rumo planejado. Aslan, embora tenha aparecido de um forma que tenha assustado Shasta, salvou sua vida. Contudo, se Aslan aparecesse para Shasta como um leão gigante e poderoso que fala, pelo que já nos foi apresentado do personagem até agora no livro, é claro que a reação do mesmo seria a reação de uma criança assustada, que correria ou tentaria a todo custo se esconder. Por isso, trazendo a ideia de Sayers, podemos ver que Lewis se manteve fiel a personalidade de suas personagens, mesmo em um momento de uma experiência aparentemente extraordinária.

Ao abrir seus olhos, Shasta, diferente do que imagina, se depara com um simples gatinho que o conforta depois de toda essa experiência potencialmente traumatizante. Neste caso, nos deparamos com o que o crítico literário, Tzvetan Todorov, chamará de fantástico, ou seja, uma ruptura da lógica, o momento onde algo fantástico acontece no lugar de algo lógico ou esperado.

Todorov, em citação direta de Louis Vax em *L'Art et la Littérature Fantastiques*, diz que: “A narrativa fantástica ... gosta de nos apresentar, habitando o mundo real em que nos achamos, homens como nós, colocados subitamente em presença do inexplicável” (TODOROV, 2014, p. 32). Concluindo seu pensamento, Todorov, em citação direta de Roger Caillois, em sua obra *Au Coeur du Fantastique*, afirma que: “Todo o fantástico é ruptura da ordem estabelecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana” (TODOROV, 2014, p. 32).

Por ter se deparado com um gato, depois de claramente ouvir um leão, Shasta se depara com um elemento do fantástico, e, de certa forma, com o *The Wholly Other*, de Otto: ele está diante de algo completamente conhecido, mas que ao mesmo tempo soou completamente diferente do que ele imaginava, ou seja, algo fantástico, que nas palavras de Todorov: “[...] é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2014, p. 31). Contudo, o conforto de Shasta, vem justamente do desconhecido e do apoio dos antigos. Shasta consegue dormir após todos esses ocorridos, pois se apoiou em uma das doze tumbas, ou seja, pois ele

esteve, como disse São Bernardo de Chartres, apoiado no ombro de gigantes.⁹

Caso Aslan não tivesse aparecido e espantado os chacais ou até mesmo ficado lá para consolar Shasta, na forma de um gato, os acontecimentos teriam, muito provavelmente, sido diferentes, pois, ou resultariam em ferimentos graves ou na própria morte de Shasta, ou este não teria superado seus medos, o que dificultaria o decorrer da história.

Observamos também, que toda essa situação, gerou em Shasta uma coragem maior do que ele tinha, pois havia enfrentado um medo ao lado de um desconhecido. Ou seja, se não houvesse a intervenção de Aslan nessa situação, muito provavelmente as atitudes de Shasta no prosseguir de sua jornada teriam sido outras.

Neste sentido, Shasta foi semelhante a Chesterton em seu livro *Ortodoxia* (2008), onde o mesmo descreve a segurança de estar abraçado pelos antigos (CHESTERTON, 2008, p. 22). Também podemos ver, usando da ideia de Chesterton apresentada em *Ortodoxia*, um dos paradoxos do Cristianismo, que ao mesmo tempo que é uma religião comunitária é também solitária, pois ao mesmo tempo em que se está muitas vezes sozinho, assim como foram muitos dos profetas e personagens da história da Igreja, também sempre está abraçado por uma grande nuvem de testemunhas daqueles antigos que partilhavam da mesma fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, percebemos que a ideia de providência na história de Lewis, segundo exposto no começo desse trabalho, não só é extremamente presente, como também podemos entender, que assim como a misericórdia é tão presente em *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, chegando a caracterizar-se com a importância de um personagem, vemos também isso ocorrer em *O Cavalo e seu Menino* com a atuação de Aslan nos acontecimentos.

Como já observamos, desde as primeiras linhas do livro, somos apresentados a providência. Antes mesmo de conhecermos Shasta, Aravis ou o próprio Aslan, vemos a atuação da providência, agindo em cada por menor da história e mostrando

⁹“Se vemos mais adiante deles, não é por causa de nossos olhos límpidos e de nossos altos corpos, mas porque somos mantidos no alto pela gigantesca estatura dos antigos.” (KIRK, 2011, p. 157)

que ela caminha para um fim pré-determinado pelo criador interno do mundo em questão, que no caso, seria o grande leão, Aslan.

Pudemos ver que a estrutura providencial contida na história, é a mesma apresentada por Santo Agostinho, C. S. Lewis e Dorothy L. Sayers. Dessa forma, nossa hipótese inicial de que é possível identificar a doutrina cristã da providência divina no livro foi comprovada.

Por fim, entendemos que a contribuição desta pesquisa, se dá no âmbito pedagógico, no sentido de auxiliar a ilustrar ideias de forma lúdica. Embora o foco dessa pesquisa tenha sido a teologia, entendemos que essa ideia possa ser aplicada em diversas áreas, como podemos ver nos trabalhos de René Girard, Eugene Webb e o próprio Lewis.

REFERÊNCIAS

- CATECISMO da Igreja Católica. 9. ed. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.
- CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008
- _____. *O Homem Eterno*. São Paulo: Ecclesiae, 2013.
- ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- KIRK, Russel. *A Era de T. S. Eliot: a imaginação moral do século XX*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- _____. *Milagres*. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- _____. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Editora Vida, 2013.
- OTTO, Rudolf. *The Idea of the Holy*. London: Oxford University, 1958.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2002.
- _____. *O Livre-Arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.
- SAYERS, Dorothy L. *A Mente do Criador*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Contatos: mauricio_avoletta.jr@hotmail.com e cristiano.lopes@mackenzie.br